

364



----- AUTO DE PERGUNTAS -----

Aos dois dias do mês de Junho do ano de mil novecentos e cinquenta e nove, nesta cidade de Lisboa e Directoria da Policia Internacional e de Defesa do Estado, onde se encontra o senhor José Aurélio Boim Falcão, Inspector Adjunto, com o chefe de brigada, senhor António Rosa Casaco, comago, Fernando Gaspar, agente servindo de es-
crivão, compareceu o detido ILÍDIO TOMÉ ALVES MACHADO, já identificado nos autos, a fim de ser novamente inter-
rogado.-----

A MATÉRIA DOS AUTOS, é interrogado para esclarecer des-
de quando se encontra "filiado" no "partido comunista"
e se foi da inspiração desta associação secreta e sub-
versiva a criação do "movimento de libertação de Ango-
la" e quem são os seus mentores, respondeu: Que no ano
de mil novecentos e cinquenta e dois ou cinquenta e
três, pois não recorda exactamente, foi "abordado" pe-
lo então empregado da casa "Singer", de Luanda, Viria-
to Clemente Cruz, já referido no auto anterior, para o
respondente, com ele e outros, serem os fundadores do
"partido comunista de Angola", convite que aceitou. Pa-
ra o efeito, aquele indivíduo marcou ao respondente uma
"reunião" que teve lugar no largo da Ramada Curto, na-
quela cidade, e na qual estiveram presentes o respon-
dente, o Viriato Clemente da Cruz, António Jacinto Mar-

tins, guarda-livros na padaria Bailundo, e Mário Antó-
nio de Oliveira, funcionário no Serviço Meteorológico
de Angola, sito em Luanda, na qual ficou estabelecida
criação do "partido comunista de Angola" para desenvol-
vimento da luta subversiva a favor do marxismo-leninís-
mo, não ficando discriminadas quaisquer "tarefas" es-
peciais para os quatro "membros fundadores", salvo pa-
ra o Viriato que ficou a desempenhar o lugar de "secre-
tário-geral" daquela organização. Que era este indiví-
duo que recebia, de Lisboa, a "imprensa" clandestina
do "partido comunista português" que consistia no jor-
nal "avante!", o boletim "o militante" e alguns panfle-
tos e brochuras, ignorando o respondente a forma como
ele recebia essa "imprensa". Que o respondente sabe que
havia "ligações" com aquela organização, com alguns
"amigos" brasileiros e com a França, por intermédio do
Viriato, das quais recebiam diversas publicações comu-
nistas. Que as referidas publicações oriundas do Brasil
e de França vinham através dos Correios, como simples
correspondência. Esclarece que o António Jacinto Mar-
tins é branco e natural de Angola, continuando a exer-
cer a sua profissão na padaria Bailundo, sita na aveni-
da António Enes, se não está em erro, mas que sabe ser
junto do cemitério. O Viriato Clemente Cruz, mais tar-
de, elaborou os estatutos do "partido comunista de An-



Angola", apresentados em papel branco e dactilografados, ficando com um original para arquivo e entregando a cada um dos presentes uma cópia, que o respondente já não possui. Que "reuniam" irregularmente, no campo e em sítios recônditos, para tratar dos assuntos relativos à organização, tendo escolhido cada um o respectivo pseudônimo, ficando o respondente com o de "Rafael"; o Viriato com o de "Armando"; o Martins com o de "José" e o Oliveira com o de "Santos". Que o "organismo" criado tinha a designação de "célula de base" e nas "reuniões" que iam tendo discutia-se o marxismo-leninismo, chegando o Viriato a apresentar um trabalho dactilografado sobre o assunto e rabiscado das publicações comunistas que recebiam da Metrópole, do Brasil e de França. Que quando se iniciava as "reuniões", o Viriato impunha a todos uma combinação para apresentarem à polícia se fossem surpreendidos e de forma que as suas justificações coincidissem e isto tinha uma designação que agora não recorda. Que era o Viriato o orientador dessas "reuniões" e era ele que distribuía a "imprensa partidária" e exigia de todos a "tarefa" de "aliciamento", a qual nunca foi cumprida, segundo cre. Que desde início passaram a pagar a "cotização" de dez escudos por mês e essas receitas serviram para compra de livros doutrinários, especialmente os de au-

toria do escritor brasileiro Jorge Amado. Que as coisas se mantiveram da mesma forma durante alguns anos, dois ou três, e a organização acabou por o Viriato ter vindo para Lisboa e também por nada se ter feito de útil e prático, desligando-se o respondente dos outros, mas mantendo-se sempre em relações de amizade. Que, assim, o extinto "partido comunista de Angola" nada tem que ver com a criação do "movimento de libertação de Angola" e este foi iniciado por um tal João Pedro Benje, Fernando Pascoal da Costa, Gaspar Domingos, Joaquim Figueiredo, Belarmino Vandunem, os enfermeiros Carvalho e Conreiras. Que todos estes indivíduos se encontram presos, em Luanda, à ordem desta Polícia. Que o respondente não pode afirmar que aqueles indivíduos sejam os fundadores do "movimento de libertação de Angola", mas sabe que eles estavam ligados ao Figueiredo. Que a esse "movimento" pertenciam também Higino Aires, empregado nos escritórios da Sociedade Luso-Africana; André Franco de Sousa, empregado na casa "Pfizer"; Germano José Gomes, topógrafo; Luis Barbosa Bessa, funcionário dos Correios; e outros que agora não recorda. Que as figuras de maior relevo dentro do "movimento" e que lhe têm imprimido orientação são o padre Pinto de Andrade, sacerdote católico; Eduardo Correia Mendes, empregado nos caminhos de ferro, em Luanda; António Rebelo de Macedo, contabi-



Fls. 356

contabilista na Imprensa Nacional; Manuel Bento Ribeiro, chefe de secção do banco de Angola, não recordando outros que ao "movimento" tenham dado a sua colaboração. Que o respondente teve até agora relutância em falar naqueles nomes por o "movimento" ter surgido sob aspecto subversivo, com propósitos de vingança e de ódio e de libertação. Que esse "movimento" tem editado alguns panfletos, sendo vários os seus autores, e que alguns dos escritos foram corrigidos pelo respondente e depois copiografados em máquina vinda do Lobito, pertencente ao senhor Alcântara Monteiro, cuja máquina se encontra ao cuidado do André Franco de Sousa, empregado superior da casa "Pfizer", situada por cima do hotel Paris, em Luanda. Que alguns dos artigos publicados nos panfletos são de autoria de Higinio Aires e André Franco de Sousa. Que o papel e a tinta para o copiógrafo eram angariados entre os diversos membros do "movimento", recordando o respondente ter cedido duas resmas de papel. - - - - -

E mais não respondeu. Lidas as perguntas que lhe foram feitas e as respostas por si dadas, as achou conforme, ratifica e vai assinar. - - - - -

Alcântara Monteiro

E para constar se lavrou o presente auto que vai ser assinado pelo senhor Inspector Adjunto, pelo chefe